

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Prod. Cultural/Literatura
Data: 06/02/93 Pg.: 11 PCTR 387

Índio duro de converter

MOACIR WERNECK DE CASTRO *

Quando se fala e escreve sobre a conquista da América para o Ocidente cristão, em geral concentram a atenção os momentos mais trágicos dessa empresa, como os ocorridos no México e no Peru. O Brasil fica em segundo plano diante das proporções do genocídio perpetrado em outros países. No entanto, aqui também a violência inerente à conquista se fez sentir com brutalidade.

Que tipo de problemas encontraram em terras brasileiras os missionários incumbidos de levar a fé cristã ao gentio? Saiu há pouco um estudo interessante a respeito, da professora Helena H. Nagamine Brandão, da USP (*Discurso e prática missionária no Brasil colonial, em Leitura, órgão cultural da Imprensa Oficial do governo de São Paulo, nº 125*). Ela destaca as atividades da catequese dos jesuítas, a começar pelo que está relatado na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, do padre Serafim Leite.

Meu propósito é lembrar uma contribuição importante ao tema — um livro que tem sido relativamente ignorado, embora de grande interesse e muito esclarecedor. Trata-se do ensaio crítico de Mecenas Dourado, que acompanha a republicação do *Diálogo da conversão do gentio*, do padre Manuel da Nóbrega (2ª ed, Ediouro, s/d; 1ª ed., 1950).

Mecenas Dourado, paraense de nascimento, foi professor no Rio de Janeiro e publicou, entre outros livros, *Hipólito da Costa e o 'Correio Braziliense'*. Seu ensaio sobre o *Diálogo* do padre Nóbrega é original e polêmico. Com razão, ele estranha que nenhum historiador da literatura brasileira mencione essa "única manifestação estritamente literária, no Brasil, no século 16".

Algum efeito imediato, contudo, teve o seu alerta, porque em 1954, quatro anos depois da primeira edição, o padre Serafim Leite — que na sua *História* praticamente deixara de lado o escrito de Nóbrega, sem lhe conceder qualquer valor literário — publicou um livro a ele

dedicado. No prefácio à segunda edição do seu ensaio, Dourado critica severamente o padre Leite por ter tentado refutar a sua tese de maneira oblíqua, sem mencionar nem a obra nem o autor.

Qual era a tese? Apoiado no *Diálogo*, Mecenas Dourado mostra que Nóbrega sustentou claramente a inconvertibilidade do gentio à fé católica pelo simples emprego da persuasão. É o que reconhecem os dois interlocutores jesuítas, o padre Mateus Nogueira, "ferreiro de Jesus Cristo, o qual, posto que por palavras não prega, fá-lo com obras e com marteladas", e o irmão Gonçalo Álvares, "a quem Deus deu graça e talento para ser trombeta de sua palavra, na capitania do Espírito Santo".

Os dois debatem as dificuldades dos catequistas no trato com os índios e lamentam o insucesso na tarefa de convertê-los. Para Gonçalo Álvares, só há uma solução: "que o gentio venha a ser muito sujeito, e que com medo venha a tomar a fé".

O diálogo se desenvolve com vivacidade e humor. Mateus Nogueira, homem simples mas não simplório, ainda parece acreditar, repetindo o que ouve de outros, que os indígenas possam um dia se tornar bons cristãos. Mas Álvares, baseado em sua experiência pessoal com "língua" (intérprete), emérito, conclui que a missão é impossível, a não ser acompanhada pela "sojigação" material. Ao que comenta o outro que então seriam "cristãos por força e gentios na vida".

A obra de Manuel da Nóbrega é de 1559. Sua conclusão realista não era novidade, como documenta Dourado, lembrando que já em 1553 o padre Luís de Grã dizia em carta a Santo Inácio de Loiola: "Este gentio, padre, não se converte com lhe dar coisas da fé, nem com razões nem com palavras de pregação." Que fazer, então? O padre Anchieta opinava: "Parece-nos agora que estão as portas abertas nesta Capitania para a conversão dos gentios, se Deus Nosso Senhor quiser dar maneira com que sejam postos debaixo de jugo, porque para este gênero não há melhor pregação do que espada e vara de ferro, na qual mais do que em nenhuma

outra é necessário que se cumpra o *compelle los intrare*."

O padre Bartolomé de Las Casas, escrevendo exatos 20 anos antes de Manuel da Nóbrega, admitia a repulsa dos nativos a abrir mão de seus valores espirituais, negados e espezinhados pelo conquistador. As armas dos vencidos, como aponta o professor Héctor Hernán Bruit, na mesma *Leitura*, eram a falsidade, a dissimulação, a mentira, nascidas do medo.

Em seu recente livro *América Latina: da conquista à nova evangelização*, Leonardo Boff, falando de desestruturação da cultura autóctone pelo colonizador, menciona como um dos seus efeitos sobre os vencidos "uma refinada arte e técnica de aparentemente se submeter e ao mesmo tempo resistir e viver, sob mil subterfúgios e disfarces, a própria identidade".

Esse o terreno ingrato que os catequistas encontravam no Brasil, ao chegarem com seu sonho evangelizador na onda de uma política de força. Pois, como dizia o padre Antônio Vieira numa carta de 1654 ao rei D. João IV, a dominação dos índios era "o pecado original e capital do Estado português".

O agnóstico Mecenas Dourado receava ser mal interpretado pelos meios católicos e escrevia, cauteloso, na advertência da segunda edição do seu livro: "Será necessário afirmar, expressamente, que não se trata de querer negar o valor moral da obra dos padres que se empenharam na catequese? Não se contesta nem se nega esse valor. Trata-se apenas de *situar* bem um fato e, conseqüentemente, compreender um dos episódios fundamentais do Brasil colonial."

Foi o que fez o professor Dourado, com o mérito complementar de chamar a atenção para o *Diálogo sobre a conversão do gentio* como obra fundamental da literatura produzida no Brasil do século 16.